#11 [maio 2003] €3.0

[ÍNDICE]

[editorial] nu-tech p03
Bruno Gil

por uma velha arquitectura p04
Gonçalo Furtado

[entrevista] pedro maurício borges: secil 2002 p08
Bruno Gil + Eugénio Borges + Vera Pinto

secil universidades: paulo vaz p16
Paulo Vaz

arquitectura têxtil p18
Miguel Garai

a propósito de arquitectura *low-tech*: a ponte sobre o rio kwai p22
José Brites

arquitectura virtual: telearquitectura p24
Rui Aristides + Daniel Beirão

[1º acto] auditório dos alunos _ nuda p28
Gonçalo Azevedo + Pedro Baía

[prova final] p30
João Gomes

[contaminações] the sims online: be somebody else. with everybody else. p32
Mário Carvalhal

[cheese-ham files] #11 p34
Vasco Pinto

[?] francesco dal co p35

[FICHA TÉCNICA]

DIRECTOR Bruno Gil **REDACÇÃO** A. Joana Couceiro, António Correia, Carina Silva, Carlos Guimarães, Carolina Ferreira, Carolina Santos, Inês Dantas, José Brites, Mário Carvalhal, Pedro Baía, Pedro Canotilho, Rui Aristides, Vera Pinto **COLABORADORES** Daniel Beirão, Eugénio Borges, Francesco Dal Co, Gonçalo Azevedo, Gonçalo Furtado, João Gomes, Miguel Garai, Paulo Vaz, Pedro Jordão, Pedro Maurício Borges, Vasco Pinto **TRADUÇÃO** Inês Dantas, Pedro Jordão **GRAFISMO** Bruno Gil, Eduardo Nascimento, Rui Aristides **EDIÇÃO GRÁFICA** Bruno Gil

DISTRIBUIÇÃO XM **IMPRESSÃO** Imprensa de Coimbra, Limitada **TIRAGEM** 400 exemplares **DEPÓSITO LEGAL** 178647/02 ISSN 1645-3891

PROPRIEDADE NUDA/AAC – Núcleo de Estudantes de Arquitectura **CONTACTOS** NU . Departamento de Arquitectura . Faculdade de Ciências e Tecnologia . Universidade de Coimbra . Colégio das Artes – Largo D. Dinis . 3000 Coimbra . tel [darq]: 239 851 350 . fax [darq]: 239 829 220 . e-mail: revista_nu@hotmail.com

POR UMA VELHA ARQUITECTURA

Gonçalo Furtado*

1 – POR UMA ARQUITECTURA

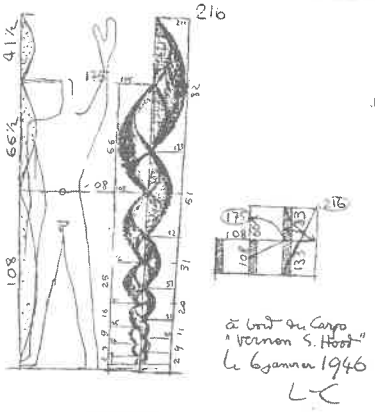
Se, na hora de definir o que é a *Arquitectura*, recorrermos a um dicionário, depararemos com a redutora alusão *a arte de construir*.

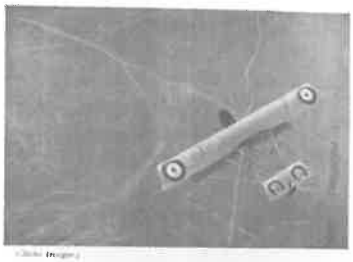
Ignasi Solà-Morales procurou enquanto pedagogo enriquecer esta definição, percorrendo para tal várias definições adquiridas por este termo ao longo da história. O termo grego *arjéketon*, composto por *argé* e *keton*, que podemos traduzir como *primeiro* e *construir* respectivamente, aludia para uma prática, mas também para o conhecimento que concorre no propósito de construir. Posteriormente, Vitruvio, autor do Tratado de Arquitectura (séc. I a.C.) que serviu de referente até ao séc. XVIII, *inaugura uma maneira de entender o arquitecto como técnico do edificar mas também como artista capaz de entender o significado (cultural) daquilo que constrói*. (Solà-Morales, in: Introducción a la arquitectura: conceptos fundamentales, 2000) A sua definição mítica remete a Arquitectura para a construção da cabana primitiva, de cuja actividade emergiram técnicas com vista a uma casa duradoura mas também ideias de formas de habitar.
Ignasi prossegue com duas definições distintas, que foram importantes para a Arquitectura Moderna do século transacto. Primeiro, a de Morris, que *abarca toda a consideração do ambiente físico que rodeia a vida humana* e para quem o *Design* (proveniente de *disegno* - originar um signo, designar) se refere ás actividades artísticas de criar formas pelo desenho para a vida humana. (Morris, The prospects of architecture in civilization, 1881) Segundo, a de Loos, que reagindo ao delito decorativo e apelando ao essencial arquitectónico, a remetia para um acto despoletador da nossa sensibilidade. (Loos, Architectktur, 1910-13)

Estas definições servem a dedução de três arquétipos: a casa fundacional, o *design* omnipresente, e o apelativo transcendental, e são objectivadas com espaços concretos tomados de Corbusier enquanto arquitecto principal do século XX. Como nos recorda Ignasi, Corbusier, para além da prática artística pós-cubista, envolvia-se com os desenvolvimentos técnicos (como por exemplo os transportes) para se bater *POR UMA NOVA ARQUITECTURA*. Afrontava a envolvente humana Morrisiana nas suas diversas escalas, tendo baseado a sua casa essencial no esquema estrutural universalizante Dom-inó (1914), permitido pela técnica do betão armado, que, para além duma resposta funcional, propunha um modo de viver moderno para o Homem-Modulor, e expressava as necessidades fundamentais do habitar, a privacidade e uma certa articulação com o exterior. Ainda que numa situação distinta, de refúgio bucólico, tais princípios são sensivelmente os mesmo que harmonicamente organiza nas zonas do Petit Cabanon (1950).

Na mesma altura, e esclareça-se que após a catástrofe das Grandes Guerras, constata-se uma pontual resistência á estética da Máquina, que, como frequentemente refiro, tem a sua máxima expressão na comovente sensualidade de Ronchamp (1950-55), uma casa de Deus que silenciosamente apela aos mais ancestrais sentimentos humanos e colectivos, os quais não ouso descrever remetendo para a imagem. *Vers une architecture* é o manifesto corajoso de um homem do seu tempo contra *os olhos que não querem ver*, mas também a cartilha subvertida do Pós-Guerra. (Corbusier, Vers une architecture, 1923)

Seguir-se-ia o impasse entre a perspectiva técnica Britânica e a metafísica Italiana, mas pouco de significativo mudou relativamente ás pretensões totalizadoras do tipo Corbusiano.





DES YEUX QUI NE VOIENT PAS...

II

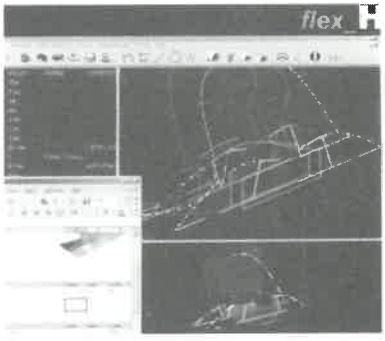
LES AVIONS

2 – POR UMA VELHA ARQUITECTURA

A Arquitectura resulta de uma projecção artística individual, e de um esforço técnico colectivo. Define-se para lá da necessária formalização técnica de objectos espaciais.

Mas a Técnica pode ser entendida como dimensão cultural, que define uma forma de habitar o mundo, que não é hoje senão um Tecnocosmos, assumindo-se como dimensão arquitectónica crucial na reflexão sobre a essência, limite e futuro da disciplina. (Ressalve-se só que, para nós pós-modernos, a ciência e a tecnologia, como de resto a arte que pode simbolicamente coincidir com a ciência segundo Balman, não manifesta já a fé modernista no progresso rumo a uma qualquer verdade, mas antes a ideia de uma instituição relativa, não alienante e acessível, ao contrário das análises de Thomas Kuhn ou mesmo as descontruções da verdade cientifica de Rorty). Vivemos actualmente imersos num novo quadro tecno-cultural, cuja novidade reside no protagonismo adquirido por Novas Tecnologias. Não menosprezemos a necessidade de lhe conferirmos um sentido cultural humano como apela Pierre Lévy e a necessidade de formular programas artísticos e políticos de hibridação que pautem o nosso relacionamento com a Técnica como apela Bragança de Miranda. (Lévy. A máquina universo, 1987 e Miranda, Mimesis tecnológica, 1998)

Mas se as condições de transformação se formam, também, no desenvolvimento da Técnica, e sem menosprezar as necessárias precauções referidas, deveríamos especular, com a provisoriedade que tem qualquer antecipação do devir, sobre os desenvolvimentos que podem ocorrer no infinito potencial que é, segundo Peter Cook, o universo da Arquitectura, e que vejo como enquadráveis na prática disciplinar definida como concepção Morrisiana da envolvente para o habitar humano. (Cook, Unit 20, 2002) Neste sentido, acresça-se como projecto de reflexão disciplinar o impacto contemporâneo das Novas Tecnologias da Comunicação e Biológicas, num momento em que a disciplina atravessa uma crise teórica, parecendo necessários uns projectos que construam lugares atentos à mutação da sociedade. Lugares onde seja possível pensar criticamente, superando o niilismo e positivismo que marca a contemporaneidade (Carrilho, Verdade, certeza e argumentação, 1990). Não interessa tanto, pois, num início de século marcado por orgásticos êxtases e prognósticos de iminente catástrofe, definir um futuro único, mas, tão só, reflectir com base nas potencialidades com que se nos depara o presente.



Esses assuntos são o tema dos meus últimos livros, Notas sobre o espaço da técnica digital e M&M – a imprevisibilidade no corpo da arquitectura, centrados respectivamente nesses dois vectores de desenvolvimento tecno-cultural, os quais, se não forem tidos em conta, poderão mais uma vez revelar uma reincidente impassividade disciplinar que só reage quando os factos já ocorreram, senão mesmo, obsolescência e falência de uma comunidade que se quer dirigida às envolventes humanas (Lootsma, vários). É redundante repetir o aí exposto. Apenas acentuaria a ideia de que o retorno á velha Arquitectura é conceber artisticamente novas envolventes para um corpo agora ampliado, pelas dimensões da linguagem e energia de que falava Vitruvio. Pelo menos, nesse sentido, Corbusier estava ofuscado, e deveria ter dito POR UMA VELHA ARQUITECTURA.

3 - POR UMA ARQUITECTURA TODA

No tempo de Corbusier, parece que já o "*(...) o avião perfurava a abóbada do céu (...) modificando o conceito de fronteiras nacionais (...), /e/ os cubistas faziam (...) sobrepassar a (...) a natureza estática, anulando a convencional hierarquia (...)*". (Pizza, Arte y arquitectura moderna 1851-33, 1999)
Tendo em mente esta frase, gostaria de retomar a ideia estratégica de hibridação de Bragança Miranda, não relativamente à Técnica, mas á questão da universalidade com que a Arquitectura se está a reencontrar, e como corolário eventualmente legitimar esta velha Arquitectura junto a outras mais novas. De facto, ainda mal nos tínhamos refeito do papel que a Técnica de Corbusier teve a bombardear, e depois reconstruir a nossas cidades, e já a temos outra vez a destruir-nos os edifícios. Parece que a Nova Monumentalidade, que se ambicionava no tempo de Corbusier e do Plano Marshal, só pode ser hoje encontrada nos *mass media* - nesse *clean new world* do imaginário genérico.

Ulrich Beck referiu na conferência *Das Schweigen der Wörker*, que podemos traduzir como *o silêncio das palavras*, que a catástrofe do 11 de Setembro requer uma linguagem conceptual distinta daquela com que agimos e pensamos, capaz de sarar as feridas da perplexidade perante o mundo que herdámos e que possibilite compreender uma actualidade civilizacional onde o risco gerado pela aceleração tecnológica e as *dimensões de perigo* (ecológico, financeiro e terrorista, etc.) se tornaram inquantificáveis (Beck, Sobre el terrorismo y la guerra, 2002). A *civilização de risco mundial* de Beck deixa-nos no entanto um benefício, o de nos consciencializar que partilhamos globalmente um destino comum. (É interessante que mesmo o terrorismo, até agora do *outro*, se tenha também tornado desterritorializado, usando a Técnica emanada sobretudo do ocidente, Técnica esta que, no futuro, estará dotada ainda de maior capacidade de difusão ao serviço de qualquer acto de violência individual - por exemplo a genética, a nanotecnologia, as comunicações, etc.).

O resultado desse momento não é pois, paradoxalmente, o abalo da globalização, de que também o terrorismo participa, mas pelo contrário acelerar a cooperação transnacional e novas formas pós-neo-liberais de atender á mobilização civil mundial sem menosprezar os excessos do próprio processo. Cria pois, e bem, uma globalização refundada que questiona o seu carácter imperialista original simbolicamente construído no edifício das Torres gémeas (Chomsky, vários). Esta situação obviamente tem reflexos e analogias com o mundo da Arquitectura, a qual igualmente deverá permitir a coexistência de variadas identidades culturais e intelectuais ao contrário da ambição totalizadora Corbusiana ou do imperialismo Theme Park. De facto, a globalização tem até agora somente construído a uma Cidade Genérica (que obviamente possui um centro de onde se emana a dominação económica) que espacializa uma identidade única em Arquitecturas tematizadas pelo poder das multinacionais. (Kyong Park, por exemplo, é expressivo ao identificar os sintomas deste fenómeno no contexto asiático, nomeadamente nas cidades gémeas recentemente edificadas e em múltiplas construções, onde as atitudes superficialmente contextualizantes dos profissionais ocidentais a que são entregues as encomendas, não conseguem mascarar um novo colonialismo). (Kyong Park, Images of the future: the architecture of a new geography)

A Cidade Global, refundada após o 11 de Setembro, possui potencialmente

o benefício de poder ser multi-discursiva. Atenta aos excessos da globalização pós-colonialista, mas também atenta aos igualmente perversos excessos de uma suposta protecção identitária totalizadora (que de resto é uma falsa questão, como em boa hora e com as devidas distância demonstrou num espaço preciso, mas totalizado, o nosso Inquérito á Arquitectura). Trata-se de um impasse como o que sentiu Corbusier relativamente à Técnica. Mais do que criar fortalezas às entradas, ou privarmo-nos daquilo que de bom podemos exportar (liberdade democrática ou Arquitectura), também a Arquitectura local deverá permitir a coexistência de diversidades num ambiente cosmopolita. Porque, à semelhança do que refere Beck, de que a civilização do risco mundial é uma oportunidade para a cooperação global, também a Arquitectura local poderá ver este fenómeno como possibilidade de partilha generosa da sua eventual boa arquitectura. Só assim esta nova casa fundacional Vitruviana, que conforma um ambiente Morrisiano agora global, nos poderá sensibilizar Loosianamente enquanto cidadãos do mundo que partilhamos um mesmo destino, pautado, entre outras coisas, pela Técnica.

À semelhança dos escombros modernos das Grandes Guerras, sobre que se banalizou a estratégia Corbusiana, também o Ground Zero (que convém referir é distinto do pós-Iraque aguardando construtores ocidentais) se constitui como Terrain Vague em versão pós-moderna. O silêncio no Terrain Vague, confidenciou-mo Ignasi, apenas aguarda a infiltração artística no discurso inevitável da produtividade técnica. A imprecisão do vazio é igualmente a predisposição da expectância e sobretudo o encontro da liberdade alheia à imitação da envolvente produtiva convencional. Lugar de encontro e da artisticidade silenciosa - como refere Del nomadismo al erotismo. (Solà-Morales, in: Anyplace ou na passagem La forma de làbsència: terrain vague do texto introdutório do UIA 96)

E esse lugar é também o de POR UMA ARQUITECTURA TODA.

Porto 2003

* arquitecto, docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, autor de Notas Sobre o Espaço da Técnica Digital e co-comissário do evento Arquitectura - Prótese do Corpo (Porto, 2002)

[Este artigo compila alguns apontamentos que integraram comunicações proferidas em Barcelona (1999), Lisboa (2000) e Nova Iorque (2002)]

1.1 - Marc Laugier, Cabana primitiva, 1753
1.2 - Le Corbusier, Modulor, 1946
1.3 - Le Corbusier, Vers une architecture, 1923
1.4 - Le Corbusier, Ronchamp, 1950
2.1 - Ted Krueger, Media augmented exercise machine, 2001
2.2 - José Sousa, Flesh H, 2002
2.3 - Marcos Cruz, Hyperdermis, 2000
3.1 - s.a., s.t., 11 de Setembro
3.2 - s.a., s.t., 11 de Setembro
3.3 - s.a., s.t., 11 de Setembro
3.4 - s.a., s.d., Ground Zero / Terrain Vague
3.5 - s.a., s.d., Ground Zero / Terrain Vague